

CLARO ENIGMA
**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**





coleção carlos drummond de andrade
conselho editorial

Antonio Carlos Secchin

Davi Arrigucci Jr.

Eucanaã Ferraz

Luis Mauricio Graña Drummond

Pedro Augusto Graña Drummond

Samuel Titan Jr.

CLARO ENIGMA

COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

i. entre lobo e cão

Dissolução

Remissão

A ingaia ciência

Legado

Confissão

Perguntas em forma de cavalo-marinho

Os animais do presépio

Soneto do falso Fernando Pessoa

Um boi vê os homens

Memória

A tela contemplada

Ser

Contemplação no banco

Sonho de um sonho

Cantiga de enganar

Oficina irritada

Opaco

Aspiração

ii. notícias amorosas

Amar

Entre o ser e as coisas

Tarde de maio

Fraga e sombra

Canção para álbum de moça

Rapto

Campo de flores

iii. o menino e os homens

A um varão, que acaba de nascer

O chamado

Quintana's bar

Aniversário

iv. selo de minas

Evocação mariana

Estampas de Vila Rica

Morte das casas de Ouro Preto

Canto negro

Os bens e o sangue

v. os lábios cerrados

Convívio

Permanência

Perguntas

Carta

Encontro

A mesa

vi. a máquina do mundo

A máquina do mundo

Relógio do Rosário

Posfácio

Um poeta do mundo terreno,

samuel titan jr.

Leituras recomendadas

Cronologia

Índice de primeiros versos

CLARO ENIGMA

A Américo Facó

Les événements m'ennuient.

P. Valéry

i. entre lobo e cão

dissolução

Escurece, e não me seduz
tatear sequer uma lâmpada.
Pois que aprouve ao dia findar,
aceito a noite.

E com ela aceito que brote
uma ordem outra de seres
e coisas não figuradas.
Braços cruzados.

Vazio de quanto amávamos,
mais vasto é o céu. Povoações
surgem do vácuo.
Habito alguma?

E nem destaco minha pele
da confluyente escuridão.
Um fim unânime concentra-se
e pousa no ar. Hesitando.

E aquele agressivo espírito
que o dia carrega consigo,
já não oprime. Assim a paz,
destroçada.

Vai durar mil anos, ou
extingui-se na cor do galo?
Esta rosa é definitiva,
ainda que pobre.

Imaginação, falsa demente,
já te desprezo. E tu, palavra.
No mundo, perene trânsito,
calamo-nos.

E sem alma, corpo, és suave.

remissão

Tua memória, pasto de poesia,
tua poesia, pasto dos vulgares,
vão se engastando numa coisa fria
a que tu chamas: vida, e seus pesares.

Mas, pesares de quê? perguntaria,
se esse travo de angústia nos cantares,
se o que dorme na base da elegia
vai correndo e secando pelos ares,

e nada resta, mesmo, do que escreves
e te forçou ao exílio das palavras,
senão contentamento de escrever,

enquanto o tempo, em suas formas breves
ou longas, que sutil interpretavas,
se evapora no fundo de teu ser?

a ingaia ciência

A madureza, essa terrível prenda
que alguém nos dá, raptando-nos, com ela,
todo sabor gratuito de oferenda
sob a glacialidade de uma estela,

a madureza vê, posto que a venda
interrompa a surpresa da janela,
o círculo vazio, onde se estenda,
e que o mundo converte numa cela.

A madureza sabe o preço exato
dos amores, dos ócios, dos quebrantos,
e nada pode contra sua ciência

e nem contra si mesma. O agudo olfato,
o agudo olhar, a mão, livre de encantos,
se destroem no sonho da existência.

legado

Que lembrança darei ao país que me deu
tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?
Na noite do sem-fim, breve o tempo esqueceu
minha incerta medalha, e a meu nome se ri.

E mereço esperar mais do que os outros, eu?
Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.
Esses monstros atuais, não os cativa Orfeu,
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.

Não deixarei de mim nenhum canto radioso,
uma voz matinal palpitando na bruma
e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.

De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
uma pedra que havia em meio do caminho.

confissão

Não amei bastante meu semelhante,
não catei o verme nem curei a sarna.
Só proferi algumas palavras,
melodiosas, tarde, ao voltar da festa.

Dei sem dar e beijei sem beijo.
(Cego é talvez quem esconde os olhos
embaixo do catre.) E na meia-luz
tesouros fanam-se, os mais excelentes.

Do que restou, como compor um homem
e tudo que ele implica de suave,
de concordâncias vegetais, murmúrios
de riso, entrega, amor e piedade?

Não amei bastante sequer a mim mesmo,
contudo próximo. Não amei ninguém.
Salvo aquele pássaro — vinha azul e doido —
que se esfacelou na asa do avião.

perguntas em forma de cavalo-marinho

Que metro serve
para medir-nos?
Que forma é nossa
e que conteúdo?

Contemos algo?
Somos contidos?
Dão-nos um nome?
Estamos vivos?

A que aspiramos?
Que possuímos?
Que relembramos?
Onde jazemos?

(Nunca se finda
nem se criara.
Mistério é o tempo,
inigualável.)

os animais do presépio

Salve, reino animal:
todo o peso celeste
suportas no teu ermo.

Toda a carga terrestre
carregas como se
fosse feita de vento.

Teus cascos lacerados
na lixa do caminho
e tuas cartilagens

e teu rude focinho
e tua cauda zonza,
teu pelo matizado,

tua escama furtiva,
as cores com que iludes
teu negrume geral,

teu voo limitado,
teu rastro melancólico,
tua pobre verônica

em mim, que nem pastor
soube ser, ou serei,
se incorporam, num sopro.

Para tocar o extremo
de minha natureza,
limito-me: sou burro.

Para trazer ao feno
o senso da escultura,

concentro-me: sou boi.

A vária condição
por onde se atropela
essa ânsia de explicar-me

agora se apascenta
à sombra do galpão
neste sinal: sou anjo.

sonetinho do falso fernando pessoa

Onde nasci, morri.
Onde morri, existo.
E das peles que visto
muitas há que não vi.

Sem mim como sem ti
posso durar. Desisto
de tudo quanto é misto
e que odiei ou senti.

Nem Fausto nem Mefisto,
à deusa que se ri
deste nosso oaristo,

eis-me a dizer: assisto
além, nenhum, aqui,
mas não sou eu, nem isto.

um boi vê os homens

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm
e correm de um para outro lado, sempre esquecidos
de alguma coisa. Certamente, falta-lhes
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,
até sinistros. Coitados, dir-se-ia não escutam
nem o canto do ar nem os segredos do feno,
como também parecem não enxergar o que é visível
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes
e no rasto da tristeza chegam à crueldade.
Toda a expressão deles mora nos olhos — e perde-se
a um simples baixar de cílios, a uma sombra.
Nada nos pelos, nos extremos de inconcebível fragilidade,
e como neles há pouca montanha,
e que secura e que reentrâncias e que
impossibilidade de se organizarem em formas calmas,
permanentes e necessárias. Têm, talvez,
certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem
perdoar a agitação incômoda e o translúcido
vazio interior que os torna tão pobres e carecidos
de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme
(que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no
[campo
como pedras aflitas e queimam a erva e a água,
e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade.

memória

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

a tela contemplada

Pintor da soledade nos vestibulos
de mármore e losango, onde as colunas
se deploram silentes, sem que as pombas
venham trazer um pouco do seu ruflor;

traça das finas torres consumidas
no vazio mais branco e na insolvência
de arquiteturas não arquitetadas,
porque a plástica é vã, se não comove,

ó criador de mitos que sufocam,
desperdiçando a terra, e já recuam
para a noite, e no charco se constelam,

por teus condutos flui um sangue vago,
e nas tuas pupilas, sob o tédio,
é a vida um suspiro sem paixão.

ser

O filho que não fiz
hoje seria homem.
Ele corre na brisa,
sem carne, sem nome.

Às vezes o encontro
num encontro de nuvem.
Apoia em meu ombro
seu ombro nenhum.

Interrogo meu filho,
objeto de ar:
em que gruta ou concha
quedas abstrato?

Lá onde eu jazia,
responde-me o hálito,
não me percebeste,
contudo chamava-te

como ainda te chamo
(além, além do amor)
onde nada, tudo
aspira a criar-se.

O filho que não fiz
faz-se por si mesmo.

contemplação no banco

i

O coração pulverizado range
sob o peso nervoso ou retardado ou tímido
que não deixa marca na alameda, mas deixa
essa estampa vaga no ar, e uma angústia em mim,
espiralante.

Tantos pisam este chão que ele talvez
um dia se humanize. E malaxado,
embebido da fluida substância de nossos segredos,
quem sabe a flor que aí se elabora, calcária, sanguínea?

Ah, não viver para contemplá-la! Contudo,
não é longo mentar uma flor, e permitido
correr por cima do estreito rio presente,
construir de bruma nosso arco-íris.

Nossos donos temporais ainda não devassaram
o claro estoque de manhãs
que cada um traz no sangue, no vento.

Passarei a vida entoando uma flor, pois não sei cantar
nem a guerra, nem o amor cruel, nem os ódios organizados,
e olho para os pés dos homens, e cismo.

Escultura de ar, minhas mãos
te modelam nua e abstrata
para o homem que não serei.

Ele talvez compreenda com todo o corpo,
para além da região minúscula do espírito,
a razão de ser, o ímpeto, a confusa
distribuição, em mim, de seda e péssimo.

ii

Nalgum lugar faz-se esse homem...
Contra a vontade dos pais ele nasce,
contra a astúcia da medicina ele cresce,
e ama, contra a amargura da política.

Não lhe convém o débil nome de filho,
pois só a nós mesmos podemos gerar,
e esse nega, sorrindo, a escura fonte.

Irmão lhe chamaria, mas irmão
por quê, se a vida nova
se nutre de outros saís, que não sabemos?

Ele é seu próprio irmão, no dia vasto,
na vasta integração das formas puras,
sublime arrolamento de contrários
enlaçados por fim.

Meu retrato futuro, como te amo,
e mineralmente te pressinto, e sinto
quanto estás longe de nosso vão desenho
e de nossas roucas onomatopeias...

iii

Vejo-te nas ervas pisadas.
O jornal, que aí pausa, mente.

Descubro-te ausente nas esquinas
mais povoadas, e vejo-te incorpóreo,
contudo nítido, sobre o mar oceano.

Chamar-te visão seria
malconhecer as visões
de que é cheio o mundo
e vazio.

Quase posso tocar-te, como às coisas diluculares
que se moldam em nós, e a guarda não captura,
e vingam.

Dissolvendo a cortina de palavras,
tua forma abrange a terra e se desata
à maneira do frio, da chuva, do calor e das lágrimas.

Triste é não ter um verso maior que os literários,
é não compor um verso novo, desorbitado,
para envolver tua efígie lunar, ó quimera
que sobes do chão batido e da relva pobre.

sonho de um sonho

Sonhei que estava sonhando
e que no meu sonho havia
um outro sonho esculpido.
Os três sonhos superpostos
dir-se-iam apenas elos
de uma infundável cadeia
de mitos organizados
em derredor de um pobre eu.
Eu que, mal de mim! sonhava.

Sonhava que no meu sonho
retinha uma zona lúcida
para concretar o fluido
como abstrair o maciço.
Sonhava que estava alerta,
e mais do que alerta, lúdico,
e receptivo, e magnético,
e em torno a mim se dispunham
possibilidades claras,
e, plástico, o ouro do tempo
vinha cingir-me e dourar-me
para todo o sempre, para
um sempre que ambicionava
mas de todo o ser temia...
Ai de mim! que mal sonhava.

Sonhei que os entes cativos
dessa livre disciplina
plenamente floresciam
permutando no universo
uma diletta substância
e um desejo apaziguado
de ser um com ser milhares,
pois o centro era eu de tudo,

como era cada um dos raios
desfechados para longe,
alcançando além da terra
ignota região lunar,
na perturbadora rota
que antigos não palmilharam
mas ficou traçada em branco
nos mais velhos portulanos
e no pó dos marinheiros
afogados em mar alto.

Sonhei que meu sonho vinha
como a realidade mesma.
Sonhei que o sonho se forma
não do que desejaríamos
ou de quanto silenciámos
em meio a ervas crescidas,
mas do que vigia e fulge
em cada ardente palavra
proferida sem malícia,
aberta como uma flor
se entreabre: radiosamente.

Sonhei que o sonho existia
não dentro, fora de nós,
e era tocá-lo e colhê-lo,
e sem demora sorvê-lo,
gastá-lo sem vão receio
de que um dia se gastara.
Sonhei certo espelho límpido
com a propriedade mágica
de refletir o melhor,
sem azedume ou frieza
por tudo que fosse obscuro,
mas antes o iluminando,
mansamente o convertendo
em fonte mesma de luz.
Obscuridade! Cansaço!
Oclusão de formas meigas!
Ó terra sobre diamantes!
Já vos libertais, sementes,

germinando à superfície
deste solo resgatado!

Sonhava, ai de mim, sonhando
que não sonhara... Mas via
na treva em frente a meu sonho,
nas paredes degradadas,
na fumaça, na impostura,
no riso mau, na inclemência,
na fúria contra os tranquilos,
na estreita clausura física,
no desamor à verdade,
na ausência de todo amor,
eu via, ai de mim, sentia
que o sonho era sonho, e falso.

cantiga de enganar

O mundo não vale o mundo,
meu bem.

Eu plantei um pé-de-sono,
brotaram vinte roseiras.
Se me cortei nelas todas
e se todas se tingiram
de um vago sangue jorrado
ao capricho dos espinhos,
não foi culpa de ninguém.
O mundo,

meu bem,
não vale

a pena, e a face serena
vale a face torturada.
Há muito aprendi a rir,
de quê? de mim? ou de nada?
O mundo, valer não vale.
Tal como sombra no vale,
a vida baixa... e se sobe
algum som deste declive,
não é grito de pastor
convocando seu rebanho.
Não é flauta, não é canto
de amoroso desencanto.
Não é suspiro de grilo,
voz noturna de nascentes,
não é mãe chamando filho,
não é silvo de serpentes
esquecidas de morder
como abstratas ao luar.
Não é choro de criança
para um homem se formar.
Tampouco a respiração
de soldados e de enfermos,

de meninos internados
ou de freiras em clausura.
Não são grupos submergidos
nas geleiras do entressono
e que deixem desprender-se,
menos que simples palavra,
menos que folha no outono,
a partícula sonora
que a vida contém, e a morte
contém, o mero registro
da energia concentrada.
Não é nem isto, nem nada.
É som que precede a música,
sobrante dos desencontros
e dos encontros fortuitos,
dos malencontros e das
miragens que se condensam
ou que se dissolvem noutras
absurdas figurações.
O mundo não tem sentido.
O mundo e suas canções
de timbre mais comovido
estão calados, e a fala
que de uma para outra sala
ouvimos em certo instante
é silêncio que faz eco
e que volta a ser silêncio
no negrume circundante.
Silêncio: que quer dizer?
Que diz a boca do mundo?
Meu bem, o mundo é fechado,
se não for antes vazio.
O mundo é talvez: e é só.
Talvez nem seja talvez.
O mundo não vale a pena,
mas a pena não existe.
Meu bem, façamos de conta.
De sofrer e de olvidar,
de lembrar e de fruir,
de escolher nossas lembranças
e revertê-las, acaso

se lembrem demais em nós.
Façamos, meu bem, de conta
— mas a conta não existe —
que é tudo como se fosse,
ou que, se fora, não era.
Meu bem, usemos palavras.
Façamos mundos: ideias.
Deixemos o mundo aos outros,
já que o querem gastar.
Meu bem, sejamos fortíssimos
— mas a força não existe —
e na mais pura mentira
do mundo que se desmente,
recortemos nossa imagem,
mais ilusória que tudo,
pois haverá maior falso
que imaginar-se alguém vivo,
como se um sonho pudesse
dar-nos o gosto do sonho?
Mas o sonho não existe.
Meu bem, assim acordados,
assim lúcidos, severos,
ou assim abandonados,
deixando-nos à deriva
levar na palma do tempo
— mas o tempo não existe —,
sejamos como se fôramos
num mundo que fosse: o Mundo.

oficina irritada

Eu quero compor um soneto duro
como poeta algum ousara escrever.
Eu quero pintar um soneto escuro,
seco, abafado, difícil de ler.

Quero que meu soneto, no futuro,
não desperte em ninguém nenhum prazer.
E que, no seu maligno ar imaturo,
ao mesmo tempo saiba ser, não ser.

Esse meu verbo antipático e impuro
há de pungir, há de fazer sofrer,
tendão de Vênus sob o pedicuro.

Ninguém o lembrará: tiro no muro,
cão mijando no caos, enquanto Arcturo,
claro enigma, se deixa surpreender.

opaco

Noite. Certo
muitos são os astros.
Mas o edifício
barra-me a vista.

Quis interpretá-lo.
Valeu? Hoje
barra-me (há luar) a vista.

Nada escrito no céu,
sei.
Mas queria vê-lo.
O edifício barra-me
a vista.

Zumbido
de besouro. Motor
arfando. O edifício barra-me
a vista.

Assim ao luar é mais humilde.
Por ele é que sei do luar.
Não, não me barra
a vista. A vista se barra
a si mesma.

aspiração

Já não queria a maternal adoração
que afinal nos exaure, e resplandece em pânico,
tampouco o sentimento de um achado precioso
como o de Catarina Kippenberg aos pés de Rilke.

E não queria o amor, sob disfarces tontos
da mesma ninfa desolada no seu ermo
e a constante procura de sede e não de linfa,
e não queria também a simples rosa do sexo,

abscôndita, sem nexos, nas hospedarias do vento,
como ainda não quero a amizade geométrica
de almas que se elegeram numa seara orgulhosa,
imbricamento, talvez? de carências melancólicas.

Aspiro antes à fiel indiferença
mas pausada bastante para sustentar a vida
e, na sua indiscriminação de crueldade e diamante,
capaz de sugerir o fim sem a injustiça dos prêmios.

ii. noticias amorosas

amar

Que pode uma criatura senão,
entre criaturas, amar?
amar e esquecer,
amar e malamar,
amar, desamar, amar?
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,
sozinho, em rotação universal, senão
rodar também, e amar?
amar o que o mar traz à praia,
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

Amar solenemente as palmas do deserto,
o que é entrega ou adoração expectante,
e amar o inóspito, o áspero,
um vaso sem flor, um chão de ferro,
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de rapina.

Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na segura nossa
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

entre o ser e as coisas

Onda e amor, onde amor, ando indagando
ao largo vento e à rocha imperativa,
e a tudo me arremesso, nesse quando
amanhece frescor de coisa viva.

Às almas, não, as almas vão pairando,
e, esquecendo a lição que já se esquia,
tornam amor humor, e vago e brando
o que é de natureza corrosiva.

N'água e na pedra amor deixa gravados
seus hieróglifos e mensagens, suas
verdades mais secretas e mais nuas.

E nem os elementos encantados
sabem do amor que os punge e que é, pungindo,
uma fogueira a arder no dia findo.

tarde de maio

Como esses primitivos que carregam por toda parte o maxilar
[inferior de seus mortos,
assim te levo comigo, tarde de maio,
quando, ao rubor dos incêndios que consumiam a terra,
outra chama, não perceptível, e tão mais devastadora,
surdamente lavrava sob meus traços cômicos,
e uma a uma, *disjecta membra*, deixava ainda palpitantes
e condenadas, no solo ardente, porções de minh'alma
nunca antes nem nunca mais aferidas em sua nobreza
sem fruto.

Mas os primitivos imploram à reliquia saúde e chuva,
colheita, fim do inimigo, não sei que portentos.
Eu nada te peço a ti, tarde de maio,
senão que continues, no tempo e fora dele, irreversível,
sinal de derrota que se vai consumindo a ponto de
converter-se em sinal de beleza no rosto de alguém
que, precisamente, volve o rosto, e passa...
Outono é a estação em que ocorrem tais crises,
e em maio, tantas vezes, morremos.

Para renascer, eu sei, numa fictícia primavera,
já então espectrais sob o aveludado da casca,
trazendo na sombra a aderência das resinas fúnebres
com que nos ungiram, e nas vestes a poeira do carro
fúnebre, tarde de maio, em que desaparecemos,
sem que ninguém, o amor inclusive, pusesse reparo.
E os que o vissem não saberiam dizer: se era um préstito
lutuoso, arrastado, poeirento, ou um desfile carnavalesco.
Nem houve testemunha.

Não há nunca testemunhas. Há desatentos. Curiosos, muitos.
Quem reconhece o drama, quando se precipita, sem máscara?

Se morro de amor, todos o ignoram
e negam. O próprio amor se desconhece e maltrata.
O próprio amor se esconde, ao jeito dos bichos caçados;
não está certo de ser amor, há tanto lavou a memória
das impurezas de barro e folha em que repousava. E resta,
perdida no ar, por que melhor se conserve,
uma particular tristeza, a imprimir seu selo nas nuvens.

fraga e sombra

A sombra azul da tarde nos confrange.
Baixa, severa, a luz crepuscular.
Um sino toca, e não saber quem tange
é como se este som nascesse do ar.

Música breve, noite longa. O alfanje
que sono e sonho ceifa devagar
mal se desenha, fino, ante a falange
das nuvens esquecidas de passar.

Os dois apenas, entre céu e terra,
sentimos o espetáculo do mundo,
feito de mar ausente e abstrata serra.

E calcamos em nós, sob o profundo
instinto de existir, outra mais pura
vontade de anular a criatura.

canção para álbum de moça

Bom dia: eu dizia à moça
que de longe me sorria.
Bom dia: mas da distância
ela nem me respondia.
Em vão a fala dos olhos
e dos braços repetia
bom-dia à moça que estava,
de noite como de dia,
bem longe de meu poder
e de meu pobre bom-dia.
Bom dia sempre: se acaso
a resposta vier fria
ou tarde vier, contudo
esperarei o bom-dia.
E sobre casas compactas,
sobre o vale e a serra,ia,
irei repetindo manso
a qualquer hora: bom dia.
O tempo é talvez ingrato
e funda a melancolia
para que se justifique
o meu absurdo bom-dia.
Nem a moça põe reparo,
não sente, não desconfia
o que há de carinho preso
no cerne deste bom-dia.
Bom dia: repito à tarde,
à meia-noite: bom dia.
E de madrugada vou
pintando a cor de meu dia,
que a moça possa encontrá-lo
azul e rosa: bom dia.
Bom dia: apenas um eco
na mata (mas quem diria)

decifra minha mensagem,
deseja bom o meu dia.
A moça, sorrindo ao longe,
não sente, nessa alegria,
o que há de rude também
no clarão deste bom-dia.
De triste, túrbido, inquieto,
noite que se denuncia
e vai errante, sem fogos,
na mais louca nostalgia.
Ah, se um dia respondesses
ao meu bom-dia: bom dia!
Como a noite se mudara
no mais cristalino dia!

rapto

Se uma águia fende os ares e arrebatada
esse que é forma pura e que é suspiro
de terrenas delícias combinadas;
e se essa forma pura, degradando-se,
mais perfeita se eleva, pois atinge
a tortura do embate, no arremate
de uma exaustão suavíssima, tributo
com que se paga o voo mais cortante;
se, por amor de uma ave, ei-la recusa
o pasto natural aberto aos homens,
e pela via hermética e defesa
vai demandando o cândido alimento
que a alma faminta implora até o extremo;
se esses raptos terríveis se repetem
já nos campos e já pelas noturnas
portas de pérola dúbia das boates;
e se há no beijo estéril um soluço
esquivo e refochado, cinza em núpcias,
e tudo é triste sob o céu flamante
(que o pecado cristão, ora jungido
ao mistério pagão, mais o alanceia),
baixemos nossos olhos ao designio
da natureza ambígua e reticente:
ela tece, dobrando-lhe o amargor,
outra forma de amar no acerbo amor.

campo de flores

Deus me deu um amor no tempo de madureza,
quando os frutos ou não são colhidos ou sabem a verme.
Deus — ou foi talvez o Diabo — deu-me este amor maduro,
e a um e outro agradeço, pois que tenho um amor.

Pois que tenho um amor, volto aos mitos pretéritos
e outros acrescento aos que amor já criou.
Eis que eu mesmo me torno o mito mais radioso
e talhado em penumbra sou e não sou, mas sou.

Mas sou cada vez mais, eu que não me sabia
e cansado de mim julgava que era o mundo
um vácuo atormentado, um sistema de erros.
Amanhecem de novo as antigas manhãs
que não vivi jamais, pois jamais me sorriram.

Mas me sorriam sempre atrás de tua sombra
imensa e contraída como letra no muro
e só hoje presente.
Deus me deu um amor porque o mereci.
De tantos que já tive ou tiveram em mim,
o sumo se espremeu para fazer um vinho
ou foi sangue, talvez, que se armou em coágulo.

E o tempo que levou uma rosa indecisa
a tirar sua cor dessas chamas extintas
era o tempo mais justo. Era tempo de terra.
Onde não há jardim, as flores nascem de um
secreto investimento em formas improváveis.

Hoje tenho um amor e me faço espaçoso
para arrecadar as alfaias de muitos
amantes desgovernados, no mundo, ou triunfantes,
e ao vê-los amorosos e transidos em torno,

o sagrado terror converto em jubilação.

Seu grão de angústia amor já me oferece
na mão esquerda. Enquanto a outra acaricia
os cabelos e a voz e o passo e a arquitetura
e o mistério que além faz os seres preciosos
à visão extasiada.

Mas, porque me tocou um amor crepuscular,
há que amar diferente. De uma grave paciência
ladrilhar minhas mãos. E talvez a ironia
tenha dilacerado a melhor doação.

Há que amar e calar.

Para fora do tempo arrasto meus despojos
e estou vivo na luz que baixa e me confunde.

iii. o menino e os homens

a um varão, que acaba de nascer

Chegas, e um mundo vai-se
como animal ferido,
arqueja. Nem aponta
uma forma sensível,
pois já sabemos todos
que custa a modelar-se
uma raiz, um broto.
E contudo vens tarde.
Todos vêm tarde. A terra
anda morrendo sempre,
e a vida, se persiste,
passa descompassada,
e nosso andar é lento,
curto nosso respiro,
e logo repousamos
e renascemos logo.
(Renascemos? talvez.)
Crepita uma fogueira
que não aquece. Longe.
Todos vêm cedo, todos
chegam fora de tempo,
antes, depois. Durante,
quais os que aportam? Quem
respirou o momento,
vislumbrando a paisagem
de coração presente?
Quem amou e viveu?
Quem sofreu de verdade?
Como saber que foi
nossa aventura, e não
outra, que nos legaram?
No escuro prosseguimos.
Num vale de onde a luz
se exilou, e no entanto

basta cerrar os olhos
para que nele trema,
remoto e matinal,
o crepúsculo. Sombra!
Sombra e riso, que importa?
Estendem os mais sábios
a mão, e no ar ignoto
o roteiro decifram,
e é às vezes um eco,
outras, a caça esquiva,
que desafia, e salva-se.
E a corrente, atravessa-a,
mais que o veleiro impróprio,
certa cumplicidade
entre nosso corpo e água.
Os metais, as madeiras
já se deixam malear,
de pena, dóceis. Nada
é rude tão bastante
que nunca se apiede
e se furte a viver
em nossa companhia.
Este é de resto o mal
superior a todos:
a todos como a tudo
estamos presos. E
se tentas arrancar
o espinho de teu flanco,
a dor em ti rebate
a do espinho arrancado.
Nosso amor se mutila
a cada instante. A cada
instante agonizamos
ou agoniza alguém
sob o carinho nosso.
Ah, libertar-se, lá
onde as almas se espelhem
na mesma frigidez
de seu retrato, plenas!
É sonho, sonho. Ilhados,
pendentes, circunstantes,

na fome e na procura
de um eu imaginário
e que, sendo outro, aplaque
todo este ser em ser,
adoramos aquilo
que é nossa perda. E morte
e evasão e vigília
e negação do ser
com dissolver-se em outro
transmutam-se em moeda
e resgate do eterno.
Para amar sem motivo
e motivar o amor
na sua desrazão,
Pedro, vieste ao mundo.
Chamo-te meu irmão.

o chamado

Na rua escura o velho poeta
(lume de minha mocidade)
já não criava, simples criatura
exposta aos ventos da cidade.

Ao vê-lo curvo e desgarrado
na caótica noite urbana,
o que senti, não alegria,
era, talvez, carência humana.

E pergunto ao poeta, pergunto-lhe
(numa esperança que não digo)
para onde vai — a que angra serena,
a que Pasárgada, a que abrigo?

A palavra oscila no espaço
um momento. Eis que, sibilino,
entre as aparências sem rumo,
responde o poeta: Ao meu destino.

E foi-se para onde a intuição,
o amor, o risco desejado
o chamavam, sem que ninguém
pressentisse, em torno, o Chamado.

quintana's bar

Num bar fechado há muitos, muitos anos, e cujas portas de aço bruscamente se descerram, encontro, que eu nunca vira, o poeta Mário Quintana.

Tão simples reconhecê-lo, toda identificação é vã. O poeta levanta seu copo. Levanto o meu. Em algum lugar — coxilha? montanha? vai rorejando a manhã.

Na total desincorporação das coisas antigas, perdura um elemento mágico: estrela-do-mar — ou Aldebarã?, tamanquinhos, menina correndo com o arco. E corre com pés de lã.

Falando em voz baixa nos entendemos, eu de olhos cúmplices, ele com seu talismã. Assim me fascinavam outrora as feitiçarias da preta, na cozinha de picumã.

Na conspiração da madrugada, erra solitário — dissolve-se o bar — o poeta Quintana. Seu olhar devassa o nevoeiro, cada vez mais densa é a bruma de antanho.

Uma teia se tecendo, e sem trabalho de aranha. Falo de amigos que envelheceram ou que sumiram na semente de avelã.

Agora voamos sobre tetos, à garupa da bruxa estranha. Para iludir a fome, que não temos, pintamos uma romã.

E já os homens sem província, despeta-se a flor aldeã. O poeta aponta-me casas: a de Rimbaud, a de Blake, e a gruta camoniana.

As amadas do poeta, lá embaixo, na curva do rio, ordenam-se em lenta pavana, e uma a uma, gotas ácidas, desaparecem no poema. É há tantos anos, será ontem, foi amanhã? Signos criptográficos ficam gravados no céu eterno — ou na mesa de um bar abolido, enquanto, debruçado sobre o mármore, silenciosamente viaja o poeta Mário Quintana.

aniversário

Os cinco anos de tua morte
esculpiram já uma criança.
Moldada em éter, de tal sorte,
ela é fulva e no dia avança.

Este menino malasártico,
Macunaíma de novo porte,
escreve cartas no ar fantástico
para compensar tua morte.

Com todos os dentes, feliz,
lá de um mundo sem sul nem norte,
de teu inesgotável país,
ris. Alegria ou puro esporte?

Ris, irmão, assim cristalino
(Mozart aberto em pianoforte)
o redondo, claro, apolíneo
riso de quem conhece a morte.

Não adianta, vê, te prantearmos...
Tudo sabes, sem que isso importe
em cinismo, pena, sarcasmo.
E, deserto, ficas mais forte.

Giras na Ursa Maior, acaso,
solitário, em meio à coorte,
sem, nas pupilas, flor ou vaso.
Mas o jardim é teu, da morte.

Se de nosso nada possuímos
salvo o apaixonado transporte
— vida é paixão —, contigo rimos,
expectantes, em frente à Porta!

iv. selo de minas

evocação mariana

A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.
Havia poucas flores. Eram flores de horta.
Sob a luz fraca, na sombra esculpida
(quais as imagens e quais os fiéis?)
ficávamos.

Do padre cansado o murmúrio de reza
subia às tábuas do forro,
batia no púlpito seco,
entranhava-se na onda, minúscula e forte, de incenso,
perdia-se.

Não, não se perdia...
Desatava-se do coro a música deliciosa
(que esperas ouvir à hora da morte, ou depois da morte, nas
[campinas do ar])
e dessa música surgiam meninas — a alvura mesma —
cantando.

De seu peso terrestre a nave libertada,
como do tempo atroz imunes nossas almas,
flutuávamos
no canto matinal, sobre a treva do vale.

estampas de vila rica

i. *CARMO*

Não calques o jardim
nem assustes o pássaro.
Um e outro pertencem
aos mortos do Carmo.

Não bebas a esta fonte
nem toques nos altares.
Todas estas são prendas
dos mortos do Carmo.

Quer nos azulejos
ou no ouro da talha,
olha: o que está vivo
são mortos do Carmo.

ii. *SÃO FRANCISCO DE ASSIS*

Senhor, não mereço isto.
Não creio em vós para vos amar.
Trouxestes-me a São Francisco
e me fazeis vosso escravo.

Não entrarei, senhor, no templo,
seu frontispício me basta.
Vossas flores e querubins
são matéria de muito amar.

Dai-me, senhor, a só beleza
destes ornatos. E não a alma.
Presente-se dor de homem,
paralela à das cinco chagas.

Mas entro e, senhor, me perco

na rósea nave triunfal.
Por que tanto baixar o céu?
por que esta nova cilada?

Senhor, os púlpitos mudos
entretanto me sorriem.
Mais que vossa igreja, esta
sabe a voz de me embalar.

Perdão, senhor, por não amar-vos.

iii. *MERCÊS DE CIMA*

Pequena prostituta em frente a Mercês de Cima.
Dádiva de corpo na tarde cristã.
Anjos caídos da portada
e nenhum Aleijadinho para recolhê-los.

iv. *HOTEL TOFFOLO*

E vieram dizer-nos que não havia jantar.
Como se não houvesse outras fomes
e outros alimentos.

Como se a cidade não nos servisse o seu pão
de nuvens.

Não, hoteleiro, nosso repasto é interior,
e só pretendemos a mesa.
Comeríamos a mesa, se no-lo ordenassem as Escrituras.
Tudo se come, tudo se comunica,
tudo, no coração, é ceia.

v. *MUSEU DA INCONFIDÊNCIA*

São palavras no chão
e memória nos autos.
As casas inda restam,

os amores, mais não.

E restam poucas roupas,
sobrepeliz de pároco,
a vara de um juiz,
anjos, púrpuras, ecos.

Macia flor de olvido,
sem aroma governas
o tempo ingovernável.
Muros pranteiam. Só.

Toda história é remorso.

morte das casas de ouro preto

Sobre o tempo, sobre a taipa,
a chuva escorre. As paredes
que viram morrer os homens,
que viram fugir o ouro,
que viram finir-se o reino,
que viram, reviram, viram,
já não veem. Também morrem.

Assim plantadas no outeiro,
menos rudes que orgulhosas
na sua pobreza branca,
azul e rosa e zarcão,
ai, pareciam eternas!
Não eram. E cai a chuva
sobre rótula e portão.

Vai-se a rótula crivando
como a renda consumida
de um vestido funerário.
E ruindo se vai a porta.
Só a chuva monorrítmica
sobre a noite, sobre a história
goteja. Morrem as casas.

Morrem, severas. É tempo
de fatigar-se a matéria
por muito servir ao homem,
e de o barro dissolver-se.
Nem parecia, na serra,
que as coisas sempre cambiam
de si, em si. Hoje, vão-se.

O chão começa a chamar
as formas estruturadas

faz tanto tempo. Convoca-as
a serem terra outra vez.
Que se incorporem as árvores
hoje vigas! Volte o pó
a ser pó pelas estradas!

A chuva desce, às canadas.
Como chove, como pinga
no país das lembranças!
Como bate, como fere,
como traspassa a medula,
como punge, como lanha
o fino dardo da chuva

mineira, sobre as colinas!
Minhas casas fustigadas,
minhas paredes zurzidas,
minhas esteiras de forro,
meus cachorros de beiral,
meus paços de telha-vã
estão úmidos e humildes.

Lá vão, enxurrada abaixo,
as velhas casas honradas
em que se amou e pariu,
em que se guardou moeda
e no frio se bebeu.
Vão no vento, na calíça,
no morcego, vão na geada,

enquanto se espalham outras
em polvorentas partículas,
sem as vermos fenecer.
Ai, como morrem as casas!
Como se deixam morrer!
E descascadas e secas,
ei-las sumindo-se no ar.

Sobre a cidade concentro
o olhar experimentado,
esse agudo olhar afiado

de quem é douto no assunto.
(Quantos perdi me ensinaram.)
Vejo a coisa pegajosa,
vai circunvoando na calma.

Não basta ver morte de homem
para conhecê-la bem.
Mil outras brotam em nós,
à nossa roda, no chão.
A morte baixou dos ermos,
gavião molhado. Seu bico
vai lavrando o paredão

e dissolvendo a cidade.
Sobre a ponte, sobre a pedra,
sobre a cambraia de Nize,
uma colcha de neblina
(já não é a chuva forte)
me conta por que mistério
o amor se banha na morte.

canto negro

À beira do negro poço
debruço-me, nada alcanço.
Decerto perdi os olhos
que tinha quando criança.

Decerto os perdi. Com eles
é que te encarava, preto,
gravura de cama e padre,
talhada em pele, no medo.

Ai, preto, que ris em mim,
nesta roupinha de luto
e nesta noite sem causa,
com saudade das ambacas
que nunca vi, e aonde fui
num cabelo de sovaco.

Preto que vivi, chupando
já não sei que seios moles
mais claros no busto preto
no longo corredor preto
entre volutas de preto
cachimbo em preta cozinha.

Já não sei onde te escondes
que não me encontro nas tuas
dobras de manto mortal.
Já não sei, negro, em que vaso,
que vão ou que labirinto
de mim, te esquivas a mim,
e zombas desta gelada
calma vã de suíça e de alma
em que me pranteio, branco,
brinco, bronco, triste blau

de neutro brasão escócio...
Meu preto, o bom era o nosso.

O mau era o nosso. E amávamos
a comum essência triste
que transmutava os carinhos
numa visguenta doçura
de vulva negro-amaranto,
barata! que vosso preço,
ó corpos de antigamente,
somente estava no dom
de vós mesmos ao desejo,
num entregar-se sem pejo
de terra pisada.

Amada,
talvez não, mas que cobiça
tu me despertavas, linha
que subindo pelo artelho,
enovelando-se no joelho,
dava ao mistério das coxas
uma ardente pulcritude,
uma graça, uma virtude
que nem sei como acabava
entre as moitas e coágulos
da letárgica bacia
onde a gente se pasmava,
se perdia, se afogava
e depois se ressarcia.

Bacia negra, o clarão
que súbito entremostravas
ilumina toda a vida
e por sobre a vida entreabre
um coalho fixo lunar,
neste amarelo descor
das posses de todo dia,
sol preto sobre água fria.

Vejo os garotos na escola,
preto-branco-branco-preto,
vejo pés pretos e uns brancos

dentes de marfim mordente,
o alvor do riso escondendo
outra negridão maior,
o negro central, o negro
que enegrece teu negrume
e que nada mais resume
além dessa solidude
que do branco vai ao preto
e do preto volta pleno
de soluços e resmungos,
como um rancor de si mesmo...

Como um rancor de si mesmo,
vem do preto essa ternura,
essa onda amarga, esse bafo
a rodar pelas calçadas,
famélica voz perdida
numa garrafa de breu,
de pranto ou coisa nenhuma:
esse estar e não estar,
esse não estar já sendo,
esse ir como esse refluir,
dançar de umbigo, litúrgico,
sofrer, brunir bem a roupa
que só um anjo vestira,
se é que os anjos se mirassem,
essa nostalgia rara
de um país antes dos outros,
antes do mito e do sol,
onde as coisas nem de brancas
fossem chamadas, lançando-se
definitivas eternas
coisas bem antes dos homens.

À beira do negro poço
debruço-me; e nele vejo,
agora que não sou moço,
um passarinho e um desejo.

os bens e o sangue

i

Às duas horas da tarde deste nove de agosto de 1847
nesta fazenda do Tanque e em dez outras casas de rei, ~q não
[de valete,
em Itabira Ferros Guanhães Cocais Joanésia Capão
diante do estrume em ~q se movem nossos escravos, e da viração
perfumada dos cafezais ~q trança na palma dos coqueiros
fiéis servidores de nossa paisagem e de nossos fins primeiros,
deliberamos vender, como de fato vendemos, cedendo posse jus
[e domínio
e abrangendo desde os engenhos de secar areia até o ouro mais
[fino,
nossas lavras mto. nossas por herança de nossos pais e sogros
[bem-amados
~q dormem na paz de Deus entre santas e santos martirizados.
Por isso neste papel azul Bath escrevemos com a nossa melhor
[letra
estes nomes ~q em qualquer tempo desafiarão tramoia trapaça
[e treta:

*Esmeril Pissarrão
Candonga Conceição*

E tudo damos por vendido ao compadre e nosso amigo o snr.
[Raimundo Procópio
e a d. Maria Narcisa sua mulher, e o ~q não for vendido, por
[alborque
de nossa mão passará, e trocaremos lavras por matas,
lavras por títulos, lavras por mulas, lavras por mulatas e arriatas,
~q trocar é nosso fraco e lucrar é nosso forte. Mas fique esclarecido:
somos levados menos por gosto do sempre negócio ~q no sentido
de nossa remota descendência ainda mal debuxada no longe
[dos serros.
De nossa mente lavamos o ouro como de nossa alma um dia
[os erros

se lavarão na pia da penitência. E filhos netos bisnetos
tataranetos despojados dos bens mais sólidos e rutilantes
[portanto os mais completos
irão tomando a pouco e pouco desapego de toda fortuna
e concentrando seu fervor numa riqueza só, abstrata e una.

Lavra da Paciência
Lavrinha de Cubas
Itabiruçu

ii

Mais que todos deser damos
deste nosso oblíquo modo
um menino inda não nado
(e melhor não fora nado)
que de nada lhe daremos
sua parte de nonada
e que nada, porém nada
o há de ter desenganado.

E nossa rica fazenda
já presto se desfazendo
vai-se em sal cristalizando
na porta de sua casa
ou até na ponta da asa
de seu nariz fino e frágil,
de sua alma fina e frágil,
de sua certeza frágil
frágil frágil frágil frágil

mas que por frágil é ágil,
e na sua mala-sorte
se rirá ele da morte.

iii

Este figura em nosso
pensamento secreto.

Num magoado alvoroço
o queremos marcado
a nos negar; depois
de sua negação
nos buscará. Em tudo
será pelo contrário
seu fado extra-ordinário.
Vergonha da família
que de nobre se humilha
na sua malincônica
tristura meio cômica,
dulciamara nux-vômica.

iv

Este hemos por bem
reduzir à simples
condição ninguém.
Não lavrará campo.
Tirá sustento
de algum mel nojento.
Há de ser violento
sem ter movimento.
Sofrerá tormenta
no melhor momento.
Não se sujeitando
a um poder celeste
ei-lo senão quando
de nudez se veste,
roga à escuridão
abrir-se em clarão.
Este será tonto
e amará no vinho
um novo equilíbrio
e seu passo túbio
sairá na cola
de nenhum caminho.

v

- Não judie com o menino,
compadre.
- Não torça tanto o pepino,
major.
- Assim vai crescer mofino,
sinhô!

— Pedimos pelo menino porque pedir é nosso destino.
Pedimos pelo menino porque vamos acalentá-lo.
Pedimos pelo menino porque já se ouve planger o sino
do tombo que ele levar quando monte a cavalo.

— Vai cair do cavalo
de cabeça no valo.
Vai ter catapora
amarelão e gálico
vai errar o caminho
vai quebrar o pescoço
vai deitar-se no espinho
fazer tanta besteira
e dar tanto desgosto
que nem a vida inteira
dava para contar.
E vai muito chorar.
(A praga que te rogo
para teu bem será.)

vi

Os urubus no telhado:

E virá a companhia inglesa e por sua vez comprará tudo
e por sua vez perderá tudo e tudo volverá a nada
e secado o ouro escorrerá ferro, e secos morros de ferro
taparão o vale sinistro onde não mais haverá privilégios,
e se irão os últimos escravos, e virão os primeiros camaradas;
e a besta Belisa renderá os arrogantes corcéis da monarquia,
e a vaca Belisa dará leite no curral vazio para o menino doentio,
e o menino crescerá sombrio, e os antepassados no cemitério

se rirão se rirão porque os mortos não choram.

vii

Ó monstros lajos e andridos que me perseguis com vossas
[barganhas
sobre meu berço imaturo e de minhas minas me expulsais.
Os parentes que eu amo expiraram solteiros.
Os parentes que eu tenho não circulam em mim.
Meu sangue é dos que não negociaram, minha alma é dos pretos,
minha carne, dos palhaços, minha fome das nuvens,
e não tenho outro amor a não ser o dos doidos.

Onde estás, capitão, onde estás, João Francisco,
do alto de tua serra eu te sinto sozinho
e sem filhos e netos interrompes a linha
que veio dar a mim neste chão esgotado.
Salva-me, capitão, de um passado voraz.
Livra-me, capitão, da conjura dos mortos.
Inclui-me entre os que não são, sendo filhos de ti.
E no fundo da mina, ó capitão, me esconde.

viii

— Ó meu, ó nosso filho de cem anos depois,
que não sabes viver nem conheces os bois
pelos seus nomes tradicionais... nem suas cores
marcadas em padrões eternos desde o Egito.
Ó filho pobre, e descorçoado, e finito,
ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais
com a faca, o formão, o couro... Ó tal como quiséramos
para tristeza nossa e consumação das eras,
para o fim de tudo que foi grande!

Ó desejado,
ó poeta de uma poesia que se furta e se expande
à maneira de um lago de peixe e resíduos letais...
És nosso fim natural e somos teu adubo,
tua explicação e tua mais singela virtude...

Pois carecia que um de nós nos recusasse
para melhor servir-nos. Face a face
te contemplamos, e é teu esse primeiro
e úmido beijo em nossa boca de barro e de sarro.

v. os lábios cerrados

convívio

Cada dia que passa incorporo mais esta verdade, de que eles não
[vivem senão em nós
e por isso vivem tão pouco; tão intervalado; tão débil.
Fora de nós é que talvez deixaram de viver, para o que se chama
[tempo.
E essa eternidade negativa não nos desola.
Pouco e mal que eles vivam, dentro de nós, é vida não obstante.
E já não enfrentamos a morte, de sempre trazê-la conosco.

Mas, como estão longe, ao mesmo tempo que nossos atuais
[habitantes
e nossos hóspedes e nossos tecidos e a circulação nossa!
A mais tênue forma exterior nos atinge.
O próximo existe. O pássaro existe.
E eles também existem, mas que oblíquos! e mesmo sorrindo,
[que disfarçados...

Há que renunciar a toda procura.
Não os encontraríamos, ao encontrá-los.
Ter e não ter em nós um vaso sagrado,
um depósito, uma presença contínua,
esta é nossa condição, enquanto,
sem condição, transitamos
e julgamos amar
e calamo-nos.

Ou talvez existamos somente neles, que são omissos, e nossa
[existência,
apenas uma forma impura de silêncio, que preferiram.

permanência

Agora me lembra um, antes me lembrava outro.

Dia virá em que nenhum será lembrado.

Então no mesmo esquecimento se fundirão.

Mais uma vez a carne unida, e as bodas
cumprindo-se em si mesmas, como ontem e sempre.

Pois eterno é o amor que une e separa, e eterno o fim
(já começara, antes de ser), e somos eternos,
frágeis, nebulosos, tartamudos, frustrados: eternos.
E o esquecimento ainda é memória, e lagoas de sono
selam em seu negrume o que amamos e fomos um dia,
ou nunca fomos, e contudo arde em nós
à maneira da chama que dorme nos paus de lenha jogados
[no galpão.

perguntas

Numa incerta hora fria
perguntei ao fantasma
que força nos prendia,
ele a mim, que presumo
estar livre de tudo,
eu a ele, gasoso,
todavia palpável
na sombra que projeta
sobre meu ser inteiro:
um ao outro, cativos
desse mesmo princípio
ou desse mesmo enigma
que distrai ou concentra
e renova e matiza,
prolongando-a no espaço,
uma angústia do tempo.

Perguntei-lhe em seguida
o segredo de nosso
convívio sem contato,
de estarmos ali quedos,
eu em face do espelho,
e o espelho devolvendo
uma diversa imagem,
mas sempre evocativa
do primeiro retrato
que compõe de si mesma
a alma predestinada
a um tipo de aventura
terrestre, cotidiana.

Perguntei-lhe depois
por que tanto insistia
nos mares mais exíguos

em distribuir navios
desse calado irreal,
sem rota ou pensamento
de atingir qualquer porto,
propícios a naufrágio
mais que a navegação;
nos frios alcantis
de meu serro natal,
desde muito derruído,
em acordar memórias
de vaqueiros e vozes,
magras reses, caminhos
onde a bosta de vaca
é o único ornamento,
e o coqueiro-de-espinho
desolado se alteia.

Perguntei-lhe por fim
a razão sem razão
de me inclinar aflito
sobre restos de restos,
de onde nenhum alento
vem refrescar a febre
deste repensamento;
sobre esse chão de ruínas
imóveis, militares
na sua rigidez
que o orvalho matutino
já não banha ou conforta.

No voo que desfere,
silente e melancólico,
rumo da eternidade,
ele apenas responde
(se acaso é responder
a mistérios, somar-lhes
um mistério mais alto):

Amar, depois de perder.

carta

Bem quisera escrevê-la
com palavras sabidas,
as mesmas, triviais,
embora estremecessem
a um toque de paixão.
Perfurando os obscuros
canais de argila e sombra,
ela iria contando
que vou bem, e amo sempre
e amo cada vez mais
a essa minha maneira
torcida e reticente,
e espero uma resposta,
mas que não tarde; e peço
um objeto minúsculo
só para dar prazer
a quem pode ofertá-lo;
diria ela do tempo
que faz do nosso lado;
as chuvas já secaram,
as crianças estudam,
uma última invenção
(inda não é perfeita)
faz ler nos corações,
mas todos esperamos
rever-nos bem depressa.
Muito depressa, não.
Vai-se tornando o tempo
estranhamente longo
à medida que encurta.
O que ontem disparava,
desbordado alazão,
hoje se paralisa
em esfinge de mármore,

e até o sono, o sono
que era grato e era absurdo
é um dormir acordado
numa planície grave.
Rápido é o sonho, apenas,
que se vai, de mandar
notícias amorosas
quando não há amor
a dar ou receber;
quando só há lembrança,
ainda menos, pó,
menos ainda, nada,
nada de nada em tudo,
em mim mais do que em tudo,
e não vale acordar
quem acaso repouse
na colina sem árvores.
Contudo, esta é uma carta.

encontro

Meu pai perdi no tempo e ganho em sonho.
Se a noite me atribui poder de fuga,
sinto logo meu pai e nele ponho
o olhar, lendo-lhe a face, ruga a ruga.

Está morto, que importa? Inda madruga
e seu rosto, nem triste nem risonho,
é o rosto antigo, o mesmo. E não enxuga
suor algum, na calma de meu sonho.

Ó meu pai arquiteto e fazendeiro!
Faz casas de silêncio, e suas roças
de cinza estão maduras, orvalhadas

por um rio que corre o tempo inteiro,
e corre além do tempo, enquanto as nossas
murcham num sopro fontes represadas.

a mesa

E não gostavas de festa...
Ó velho, que festa grande
hoje te faria a gente.
E teus filhos que não bebem
e o que gosta de beber,
em torno da mesa larga,
largavam as tristes dietas,
esqueciam seus fricotes,
e tudo era farra honesta
acabando em confiança.
Ai, velho, ouvirias coisas
de arrepiar teus noventa.
E daí, não te assustávamos,
porque, com riso na boca,
e a nédia galinha, o vinho
português de boa pinta,
e mais o que alguém faria
de mil coisas naturais
e fartamente poria
em mil terrinas da China,
já logo te insinuávamos
que era tudo brincadeira.
Pois sim. Teu olho cansado,
mas afeito a ler no campo
uma lonjura de léguas,
e na lonjura uma rês
perdida no azul azul,
entrava-nos alma adentro
e via essa lama podre
e com pesar nos fitava
e com ira amaldiçoava
e com doçura perdoava
(perdoar é rito de pais,
quando não seja de amantes).

E, pois, todo nos perdendo,
por dentro te regalavas
de ter filhos assim... Puxa,
grandessíssimos safados,
me saíram bem melhor
que as encomendas. De resto,
filho de peixe... Calavas,
com agudo sobrecenho
interrogavas em ti
uma lembrança saudosa
e não de todo remota
e rindo por dentro e vendo
que lanças uma ponte
dos passos loucos do avô
à incontinência dos netos,
sabendo que toda carne
aspira à degradação,
mas numa via de fogo
e sob um arco sexual,
tossias. Hem, hem, meninos,
não sejam bobos. Meninos?
Uns marmanjos cinquentões,
calvos, vividos, usados,
mas resguardando no peito
essa alvura de garoto,
essa fuga para o mato,
essa gula defendida
e o desejo muito simples
de pedir à mãe que cosa,
mais do que nossa camisa,
nossa alma frouxa, rasgada...
Ai, grande jantar mineiro
que seria esse... Comíamos,
e comer abria fome,
e comida era pretexto.
E nem mesmo precisávamos
ter apetite, que as coisas
deixavam-se espotejar,
e amanhã é que eram elas.
Nunca desdenhe o tutu.
Vá lá mais um torresminho.

E quanto ao peru? Farofa
há de ser acompanhada
de uma boa cachacinha,
não desfazendo em cerveja,
essa grande camarada.
Ind'outro dia... Comer
guarda tamanha importância
que só o prato revele
o melhor, o mais humano
dos seres em sua treva?
Beber é pois tão sagrado
que só bebido meu mano
me desata seu queixume,
abrindo-me sua palma?
Sorver, papar: que comida
mais cheirosa, mais profunda
no seu tronco luso-árabe,
e que bebida mais santa
que a todos nos une em um
tal centímano glutão,
parlapatão e bonzão!
E nem falta a irmã que foi
mais cedo que os outros e era
rosa de nome e nascera
em dia tal como o de hoje
para enfeitar tua data.
Seu nome sabe a camélia,
e sendo uma rosa-amélia,
flor muito mais delicada
que qualquer das rosas-rosa,
viveu bem mais do que o nome,
porém no íntimo claustrava
a rosa esparsa. A teu lado,
vê: recobrou-se-lhe o viço.
Aqui sentou-se o mais velho.
Tipo do manso, do sonso,
não servia para padre,
amava casos bandalhos;
depois o tempo fez dele
o que faz de qualquer um;
e à medida que envelhece,

vai estranhamente sendo
retrato teu sem ser tu,
de sorte que se o diviso
de repente, sem anúncio,
és tu que me reapareces
noutro velho de sessenta.
Este outro aqui é doutor,
o bacharel da família,
mas suas letras mais doutas
são as escritas no sangue,
ou sobre a casca das árvores.
Sabe o nome da florzinha
e não esquece o da fruta
mais rara que se prepara
num casamento genético.
Mora nele a nostalgia,
cidadino, do ar agreste,
e, camponês, do letrado.
Então vira patriarca.
Mais adiante vês aquele
que de ti herdou a dura
vontade, o duro estoicismo.
Mas, não quis te repetir.
Achou não valer a pena
reproduzir sobre a terra
o que a terra engolirá.
Amou. E ama. E amará.
Só não quer que seu amor
seja uma prisão de dois,
um contrato, entre bocejos
e quatro pés de chinelo.
Feroz a um breve contato,
à segunda vista, seco,
à terceira vista, lhano,
dir-se-ia que ele tem medo
de ser, fatalmente, humano.
Dir-se-ia que ele tem raiva,
mas que mel transcende a raiva,
e que sábios, ardilosos
recursos de se enganar
quanto a si mesmo: exercita

uma força que não sabe
chamar-se, apenas, bondade.
Esta calou-se. Não quis
manter com palavras novas
o colóquio subterrâneo
que num sussurro percorre
a gente mais desatada.
Calou-se, não te aborreças.
Se tanto assim a querias,
algo nela ainda te quer,
à maneira atravessada
que é própria de nosso jeito.
(Não ser feliz tudo explica.)
Bem sei como são penosos
esses lances de família,
e discutir neste instante
seria matar a festa,
matando-te — não se morre
uma só vez, nem de vez.
Restam sempre muitas vidas
para serem consumidas
na razão dos desencontros
de nosso sangue nos corpos
por onde vai dividido.
Ficam sempre muitas mortes
para serem longamente
reencarnadas noutra morte.
Mas estamos todos vivos.
E mais que vivos, alegres.
Estamos todos como éramos
antes de ser, e ninguém
dirá que ficou faltando
algum dos teus. Por exemplo:
ali ao canto da mesa,
não por humilde, talvez
por ser o rei dos vaidosos
e se pelar por incômodas
posições de tipo *gauche*,
ali me vês tu. Que tal?
Fica tranquilo: trabalho.
Afinal, a boa vida

ficou apenas: a vida
(e nem era assim tão boa
e nem se fez muito má).
Pois ele sou eu. Repara:
tenho todos os defeitos
que não farejei em ti,
e nem os tenho que tinhas,
quanto mais as qualidades.
Não importa: sou teu filho
com ser uma negativa
maneira de te afirmar.
Lá que brigamos, brigamos,
opa! que não foi brinquedo,
mas os caminhos do amor,
só amor sabe trilhá-los.
Tão ralo prazer te dei,
nenhum, talvez... ou senão,
esperança de prazer,
é, pode ser que te desse
a neutra satisfação
de alguém sentir que seu filho,
de tão inútil, seria
sequer um sujeito ruim.
Não sou um sujeito ruim.
Descansa, se o suspeitavas,
mas não sou lá essas coisas.
Alguns afetos recortam
o meu coração chateado.
Se me chateio? demais.
Esse é meu mal. Não herdei
de ti essa balda. Bem,
não me olhes tão longo tempo,
que há muitos a ver ainda.
Há oito. E todos minúsculos,
todos frustrados. Que flora
mais triste fomos achar
para ornamento de mesa!
Qual nada. De tão remotos,
de tão puros e esquecidos
no chão que suga e transforma,
são anjos. Que luminosos!

que raios de amor radiam,
e em meio a vagos cristais,
o cristal deles retine,
reverbera a própria sombra.
São anjos que se dignaram
participar do banquete,
alisar o tamborete,
viver vida de menino.
São anjos; e mal sabias
que um mortal devolve a Deus
algo de sua divina
substância aérea e sensível,
se tem um filho e se o perde.
Conta: catorze na mesa.
Ou trinta? serão cinquenta,
que sei? se chegam mais outros,
uma carne cada dia
multiplicada, cruzada
a outras carnes de amor.
São cinquenta pecadores,
se pecado é ter nascido
e provar, entre pecados,
os que nos foram legados.
A procissão de teus netos,
alongando-se em bisnetos,
veio pedir tua bênção
e comer de teu jantar.
Repara um pouquinho nesta,
no queixo, no olhar, no gesto,
e na consciência profunda
e na graça menineira,
e dize, depois de tudo,
se não é, entre meus erros,
uma imprevista verdade.
Esta é minha explicação,
meu verso melhor ou único,
meu tudo enchendo meu nada.
Agora a mesa repleta
está maior do que a casa.
Falamos de boca cheia,
xingamo-nos mutuamente,

rimos, ai, de arrebentar,
esquecemos o respeito
terrível, inibidor,
e toda a alegria nossa,
ressecada em tantos negros
bródios comemorativos
(não convém lembrar agora),
os gestos acumulados
de efusão fraterna, atados
(não convém lembrar agora),
as fina-e-meigas palavras
que ditas naquele tempo
teriam mudado a vida
(não convém mudar agora),
vem tudo à mesa e se espalha
qual inédita virtualha.
Oh que ceia mais celeste
e que gozo mais do chão!
Quem preparou? que inconteste
vocação de sacrifício
pôs a mesa, teve os filhos?
quem se apagou? quem pagou
a pena deste trabalho?
quem foi a mão invisível
que traçou este arabesco
de flor em torno ao pudim,
como se traça uma auréola?
quem tem auréola? quem não
a tem, pois que, sendo de ouro,
cuida logo em reparti-la,
e se pensa melhor faz?
quem senta do lado esquerdo,
assim curvada? que branca,
mas que branca mais que branca
tarja de cabelos brancos
retira a cor das laranjas,
anula o pó do café,
cassa o brilho aos serafins?
quem é toda luz e é branca?
Decerto não pressentias
como o branco pode ser

uma tinta mais diversa
da mesma brancura... Alvura
elaborada na ausência
de ti, mas ficou perfeita,
concreta, fria, lunar.
Como pode nossa festa
ser de um só que não de dois?
Os dois ora estais reunidos
numa aliança bem maior
que o simples elo da terra.
Estais juntos nesta mesa
de madeira mais de lei
que qualquer lei da república.
Estais acima de nós,
acima deste jantar
para o qual vos convocamos
por muito — enfim — vos queremos
e, amando, nos iludirmos
junto da mesa
vazia.

vi. a máquina do mundo

a máquina do mundo

E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco

se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas

lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,

a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.

Abriu-se majestosa e circumspecta,
sem emitir um som que fosse impuro
nem um clarão maior que o tolerável

pelas pupilas gastas na inspeção
contínua e dolorosa do deserto,
e pela mente exausta de mentar

toda uma realidade que transcende
a própria imagem sua debuxada
no rosto do mistério, nos abismos.

Abriu-se em calma pura, e convidando
quantos sentidos e intuições restavam
a quem de os ter usado os já perdera

e nem desejaria recobrá-los,
se em vão e para sempre repetimos

os mesmos sem roteiro tristes périplos,

convidando-os a todos, em coorte,
a se aplicarem sobre o pasto inédito
da natureza mítica das coisas,

assim me disse, embora voz alguma
ou sopro ou eco ou simples percussão
atestasse que alguém, sobre a montanha,

a outro alguém, noturno e miserável,
em colóquio se estava dirigindo:
“O que procuraste em ti ou fora de

teu ser restrito e nunca se mostrou,
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
e a cada instante mais se retraindo,

olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,

essa total explicação da vida,
esse nexo primeiro e singular,
que nem concebes mais, pois tão esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste... vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo.”

As mais soberbas pontes e edifícios,
o que nas oficinas se elabora,
o que pensado foi e logo atinge

distância superior ao pensamento,
os recursos da terra dominados,
e as paixões e os impulsos e os tormentos

e tudo que define o ser terrestre
ou se prolonga até nos animais
e chega às plantas para se embeber

no sono rancoroso dos minérios,
dá volta ao mundo e torna a se engolfar
na estranha ordem geométrica de tudo,

e o absurdo original e seus enigmas,
suas verdades altas mais que todos
monumentos erguidos à verdade;

e a memória dos deuses, e o solene
sentimento de morte, que floresce
no caule da existência mais gloriosa,

tudo se apresentou nesse relance
e me chamou para seu reino augusto,
afinal submetido à vista humana.

Mas, como eu relutasse em responder
a tal apelo assim maravilhoso,
pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,

a esperança mais mínima — esse anelo
de ver desvanecida a treva espessa
que entre os raios do sol inda se filtra;

como defuntas crenças convocadas
presto e fremente não se produzissem
a de novo tingir a neutra face

que vou pelos caminhos demonstrando,
e como se outro ser, não mais aquele
habitante de mim há tantos anos,

passasse a comandar minha vontade
que, já de si volúvel, se cerrava
semelhante a essas flores reticentes

em si mesmas abertas e fechadas;
como se um dom tardio já não fora
apetecível, antes despiciendo,

baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.

A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,

se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas.

relógio do rosário

Era tão claro o dia, mas a treva,
do som baixando, em seu baixar me leva

pelo âmago de tudo, e no mais fundo
decifro o choro pânico do mundo,

que se entrelaça no meu próprio choro,
e compomos os dois um vasto coro.

Oh dor individual, afrodisíaco
selo gravado em plano dionisiaco,

a desdobrar-se, tal um fogo incerto,
em qualquer um mostrando o ser deserto,

dor primeira e geral, esparramada,
nutrindo-se do sal do próprio nada,

convertendo-se, turva e minuciosa,
em mil pequena dor, qual mais raivosa,

prelibando o momento bom de doer,
a invocá-lo, se custa a aparecer,

dor de tudo e de todos, dor sem nome,
ativa mesmo se a memória some,

dor do rei e da roca, dor da cousa
indistinta e universal, onde repousa

tão habitual e rica de pungência
como um fruto maduro, uma vivência,

dor dos bichos, oclusa nos focinhos,

nas caudas titilantes, nos arminhos,

dor do espaço e do caos e das esferas,
do tempo que há de vir, das velhas eras!

Não é pois todo amor alvo divino,
e mais aguda seta que o destino?

Não é motor de tudo e nossa única
fonte de luz, na luz de sua túnica?

O amor elide a face... Ele murmura
algo que foge, e é brisa e fala impura.

O amor não nos explica. E nada basta,
nada é de natureza assim tão casta

que não macule ou perca sua essência
ao contato furioso da existência.

Nem existir é mais que um exercício
de pesquisar de vida um vago indício,

a provar a nós mesmos que, vivendo,
estamos para doer, estamos doendo.

Mas, na dourada praça do Rosário,
foi-se, no som, a sombra. O columbário

já cinza se concentra, pó de tumbas,
já se permite azul, risco de pombas.

Posfácio

um poeta do mundo terreno
Samuel Titan Jr.

Para Cecilia

Maduro, clássico, filosófico. Desde 1951, data da publicação original pela Editora José Olympio, esses três adjetivos vêm marcando a leitura e a fortuna crítica de *Claro enigma*. O trio não é fortuito e responde por muitas vigas mestras do livro; de resto, permite imaginar em retrospecto o qual terá sido a surpresa de muitos leitores ao deparar uma obra tão diversa da anterior. “Difícil de ler”, nas palavras de um de seus poemas centrais, o novo livro de Carlos Drummond de Andrade parecia contrastar em tudo com os versos que recolhera em *A rosa do povo*, de 1945.¹

Obra luminosa e muito singular no âmbito da poesia social e política que os anos mais sombrios do século xx inspiraram a tantos autores, *A rosa do povo* lançava raízes fundas nas “inquietações”² que o poeta cultivara desde antes, da estreia com *Alguma poesia* (1930) até *Sentimento do mundo* (1940), quando não as radicalizava. Lá está, centralmente, a percepção de um mundo caduco, precário, malfeito, ao qual corresponde (se é que o verbo cabe) o eu torto, desajeitado, recurvo de uma *persona* literária que desconfia, no próprio ato de escrever, de tudo aquilo que “na vida é porosidade e comunicação”. Mas, desse movimento dolorido de introspecção, o poeta colhia símbolos de grande potência comunicativa, que, à maneira da orquídea “antieuclediana” de “Áporo” ou da flor “ainda desbotada” de “A flor e a náusea”, furavam o “país bloqueado”, “o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”. Mais ainda, para chegar a essa vibração peculiar, em que a voz interior se misturava ao anseio coletivo por liberdade, Drummond levava ao extremo o ímpeto modernista de “superção do verso” e fazia com que o resultado final dependesse da “figura total do poema, livremente construído”.³

Ora, como não supor uma reviravolta quando, logo à entrada, o leitor de *Claro enigma* se via diante da epígrafe, tirada de Paul Valéry: “*Les événements m’ennuient*”, “Os acontecimentos me entediam”? O que pensar dos sonetos e dos poemas metrificados que proliferam por todo o livro, a despeito da chacota modernista de que uns e outros eram objeto havia já três décadas? E quanto ao tom grave e elevado, lapidar e até sapiencial, suposto veículo de um desengano que dava as costas às esperanças acalentadas ontem mesmo e, assim, também à história em curso? Nenhum desses elementos é menor ou marginal e, no seu conjunto, de fato levam água para a ideia de uma nova fase da obra de Drummond ou mesmo da poesia brasileira no século xx, se quisermos abrir o foco para incluir os livros mais ou menos contemporâneos de Murilo Mendes, Jorge de Lima e João Cabral de Melo Neto, ou ainda, num patamar inferior de

interesse, a poesia da Geração de 45.

Isso posto e assentado, o leitor de *Claro enigma* tinha e tem o direito de suspeitar dessa leitura que, sendo correta, talvez não dê conta de tudo. Se levar a desconfiança a sério, não tardará a encontrar suporte para suas dúvidas: no chão do texto, a começar do título, que não parece prometer ordem clássica e equilíbrio estoico, antes apontando, como é do feitio dos oximoros, para um sentido que nunca se perfaz nem estabiliza; mas também fora do livro, na frequentação de uma obra em que, antes e depois de 1951, “tudo acontece por conflito”⁴ Nessa linha de raciocínio, Antonio Candido observou que, na obra de Drummond, a força das inquietudes e dos problemas é tal que os poemas parecem “crescer e organizar-se em torno deles, como arquitetura que os projeta”⁵ A ser assim, o leitor de *Claro enigma* pode bem se interrogar sobre a natureza das relações que sua ordem entretém com o terreno movediço da criação drummondiana — e perceber como este livro problematiza aqueles mesmos termos (maduro, clássico, filosófico) que vêm marcando sua recepção.

o tema da dissolução

O poema de abertura de *Claro enigma* põe tudo o que vem pela frente sob o signo da escuridão que cai, do apagamento das formas e, com elas, da vontade de agir no mundo. “Escurece”, diz o primeiro verso de “Dissolução”, soando uma nota que ecoará várias vezes ao longo de todo o livro, até a “treva” que cai do “Relógio do Rosário”; o sujeito do poema inaugural não acende “sequer uma lâmpada”, não destaca a própria “pele/ da confluyente escuridão”, antes a aceita, de “braços cruzados” — gesto que prenuncia as “mãos pensas” do protagonista de “A máquina do mundo”. A luz mortíça faz vibrar essa mesma nota dissolvente nos poemas seguintes: “nada resta” e tudo “se evapora” em “Remissão”; em “Legado”, a “noite do sem-fim” não consente nenhuma “voz matinal”; e à “meia-luz” de “Confissão” empilham-se não os “tesouros”, mas as partículas negativas — “não”, “nem”, “sem”.

Esse tom crepuscular diverge da poesia de aspiração “meridiana”⁶ de *A rosa do povo* e seu ímpeto de ação e comunicação. Visto do exterior, pelos olhos de um boi, esse ímpeto agora se afigura como “agitação incômoda” de seres frágeis (“Um boi vê os homens”); visto de dentro, o mesmo impulso recua diante da atitude desenganada de quem só almeja a “fiel indiferença” (“Aspiração”). Aos poucos, o tema da dissolução vai armando toda uma família de imagens do amorfo, do precário, do opaco e do evanescente, que ameaça dissolver tudo e todos num “charco” (“A tela contemplada”), num vazio sem luz nem substância.

Num movimento complementar, que leva o leitor para lá do penumbismo, vários poemas de *Claro enigma* se articulam como encenações de uma ausência

sem remédio. É o caso da impossível ceia familiar em “A mesa” ou do filho que não nasceu em “Ser”, mas é sobretudo o caso dessa terrível elegia amorosa e fúnebre que é “Tarde de maio”. Como pede o gênero, o eixo verbal do poema são apóstrofes reiteradas — aqui dirigidas a uma “tarde de maio” pretérita em que se produziu o fracasso, o desencontro amoroso. Mas, na contramão do gênero, Drummond não se permite delinear os contornos do que se perdeu — coisa, pessoa ou momento —, para então celebrá-lo e carpi-lo. Aqui, o ser amado é meramente o “rosto de alguém/ que, precisamente, volve o rosto, e passa...” e que não se evoca pelo nome próprio ou pelas feições peculiares, mas apenas indiretamente, por metonímia, por referência ao momento (a “tarde de maio”) em que se ausenta e deixa o vazio em seu lugar. É agora a essa tarde perdida, a essa ausência “irreversível” que o poeta se dirige.⁷ Quer carregá-la para sempre, como quem leva um amuleto (“Como esses primitivos que carregam por toda parte o maxilar inferior de seus mortos”), mas um amuleto às avessas, na medida em que dele não espera “portentos”:

*Eu nada te peço a ti, tarde de maio,
senão que continues, no tempo e fora dele, irreversível,
sinal de derrota que se vai consumindo a ponto de
converter-se em sinal de beleza no rosto de alguém
que, precisamente, volve o rosto, e passa...*

Signo do vazio e, no limite, signo vazio, a tal “tarde de maio” é mais um dos despojos que o poderoso vetor da dissolução vai empilhando ao longo de *Claro enigma*, juntando-se ao amor, à vontade, à ação, à poesia e — como poderia ser diferente? — a toda pretensão de maturidade.

É o que se vê num poema decisivo, o soneto “A ingaia ciência”, em que a “madureza” faz figura de “terrível prenda”, que tira o “sabor gratuito” de toda “oferenda”. Mais que irônica, a rima é cruel. Sabidamente filha do tempo, a maturidade afinal esvazia e destrói os mesmos objetos (“amores”, “ócios”, “quebrantos”) sobre os quais devia fazer sentir sua influência; triunfante, pois que sabedora do “preço exato” de tudo, ela porém “nada pode contra sua ciência/ e nem contra si mesma”; longe de educar e reorientar os desejos, ela deixa o sujeito submetido às premências de sempre, somadas agora à iminência do malogro final.

Publicado quando o autor chegava à beira dos cinquenta anos e prodigalizava os gestos graves, estranhos à irreverência modernista, *Claro enigma* termina por corroer esses mesmos gestos que presidiam a sua origem. Essa poesia da maturidade — com tudo que o termo supõe de experiência, sabedoria e, ao pé da letra, frutificação⁸ — acaba por se ver exposta à suspeita de “insolvência” (“A tela contemplada”), como se as arquiteturas verbais que a custo erigiu não

pudessem ocultar o “travo de angústia nos cantares” (“Remissão”) e, nessa medida, não fossem mais que pretensão vã. Longe de alcançar um mirante seguro de onde ver as coisas, o Drummond de 1951 parece repor, em novo patamar e com reverberações mais tremendas, a mesma inquietude que, por duas décadas, vinha minando e semeando sua necessidade de escrever poesia.

convocação e vertigem

A mesma linha de ideias pode lançar uma luz diferente sobre o corte clássico de *Claro enigma*. Suas marcas formais estão em toda parte: nos nove sonetos (seis dos quais surgem já na primeira parte); no recurso a metros tradicionais da lírica portuguesa, como a redondilha maior, o decassílabo e mesmo o alexandrino, somados a esquemas igualmente tradicionais de rima; no tom elegíaco de muitos poemas; na sintaxe e no léxico muitas vezes elevados, camonianos, quando não latinizados, e no geral distantes dos efeitos agressivos de choque estético que Drummond perseguira, por exemplo, em *Alguma poesia*. A esses elementos formais, somam-se as citações e alusões explícitas a motivos e nomes de uma mitologia poética de larguíssimo curso na tradição ocidental: o frio e a noite; Orfeu e Arcturo; o pó e o tempo; o tédio e a morte; o caminho da vida e a máquina do mundo; Dante e Camões.

Tudo isso parece assinalar uma renúncia à rebeldia modernista e um *retour à l'ordre* — um entre os muitos que se produziram nas artes e nas letras quase que a partir do instante em que eclodiram as vanguardas. Contudo, os mesmos poemas de feito clássico são os primeiros a pôr em questão a vigência da própria mitologia que convocam. Um soneto como “Legado”, por exemplo, ergue-se em alexandrinos rimados (*abab//abab//cde//cde*), evoca Orfeu, fala de noite, bruma e fumo, para afinal dizer que nada disso restará, exceto “uma pedra que havia em meio do caminho”. O “havia” castiço presta homenagem, no próprio ato de depurá-lo, ao “tinha” coloquial do célebre poema de *Alguma poesia*, que se reafirma, portanto, como pedra fundamental da mitologia poética de Drummond. Outro soneto, “A tela contemplada”, fala de si mesmo ao falar de formas (“arquiteturas”, “plástica”) que se erguem apenas para se consumir, de “mitos que sufocam”, “recuam” e “no charco se constelam”. Um terceiro, “Encontro”, começa de maneira ortodoxa (o primeiro quarteto rimando em *abab*), para logo deixar que o esquema se desfaça no segundo quarteto e nos dois tercetos.

Mas nenhum outro poema engrena esse duplo movimento de maneira tão vertiginosa quanto “Oficina irritada”, estranho soneto *gauche*, que vibra e range ao som do *r* alveolar. Estritamente consoante com o propósito de escrever um soneto “duro”, “escuro”, “seco, abafado, difícil de ler”, o poema martela as

rimas paupérrimas em *-er* e *-uro*, desdenhando a variedade musical e imprimindo um ritmo circular, obsessivo. Mais que soneto clássico, “Oficina irritada” vai tomando ares de invocação mágica, calcada na repetição encantatória daqueles mesmos “sons absurdos e agônicos” de que falava “Um boi vê os homens”⁹ Trabalhando na mesma chave repetitiva dos primeiros versos de “Áporo”, “Oficina irritada” não chega, porém, a nenhuma “orquídea”, e sim ao gesto perdido, que “ninguém lembrará”: “tiro no muro/ cão mijando no caos”, à luz de uma estrela que se mostra e se furta, “claro enigma”.

A entonação clássica de *Claro enigma* chega a seu lance máximo em “A máquina do mundo”, poema longo, de corte épico, em que confluem as marcas formais e as alusões mitológicas das páginas anteriores — e no qual se adensa, junto com a “treva mais estrita”, a suspeita de que tudo continua em desordem no universo drummondiano.¹⁰

O poema começa por uma dupla alusão a Dante. Pela vertente narrativa, o andarilho que, “no fecho da tarde”, é surpreendido a andar vagamente por “uma estrada de Minas, pedregosa” remete ao peregrino que, nos primeiros versos da *Divina comédia*, vê-se sozinho “no meio do caminho desta vida”, perdido numa “selva escura”. E, assim como o duplo de Dante viaja pelos três reinos do além cristão rumo à visão da fatura última do mundo, também o duplo de Drummond está à beira de uma revelação comparável, a cargo da “máquina do mundo” que vem se delineando no alto dos montes. Pela vertente formal, note-se que os dois andarilhos se aproximam desse momento culminante ao ritmo dos tercetos — com uma diferença crucial, porém. Em Dante, a *terza rima* (*aba//bcb//cdc//ded* etc.) trama um ímpeto contínuo para a frente, rumo à epifania final. Em Drummond, a rima se cala por inteiro e o movimento se torna mais lento, mais travado e complicado,¹¹ preparando assim a fala tácita da “máquina do mundo”, que se pronuncia “sem emitir um som que fosse impuro”, sem que nada, “voz alguma/ ou sopro ou eco ou simples percussão”, se faça ouvir.

Por sua vez, essa “máquina do mundo” que se oferece ao olhar do caminhante é de sabida matriz camoniana. No décimo e último canto dos *Lusíadas* (estrofes 79 e 80), a deusa Tétis propiciara a Vasco da Gama a visão de um globo “uniforme, perfeito, em si sustido”, objeto que continha em si, microcosmicamente, a estrutura total do universo criado:

*Vês aqui a grande máquina do Mundo,
Etérea e elemental, que fabricada
Assim foi do Saber, alto e profundo,
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limada,
É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.*

Ora, se tanto a *Comédia* como os *Lusíadas* culminam numa revelação que recolhe e justifica o périplo de seus protagonistas, as coisas se passam diferentemente em “A máquina do mundo”. Aqui também a epifania é “majestosa e circunspecta”, aqui também o espetáculo exhibe a “estranha ordem geométrica de tudo” — mas aqui ela não cativa e fascina os olhos do andarilho “incurioso”, para quem esse “dom tardio” parece não “apetecível, antes despreciando”. Por que essa revelação da “natureza mítica das coisas” não chega a reaquecer a “fé”, a “esperança”, as “defuntas crenças”?

Muitos leitores do poema encontraram a resposta na “neutra face” e nas “mãos pensas” de quem já gastou e exauriu as “pupilas” na “inspeção/ contínua e dolorosa do deserto” e já não se deixa mover por nada. Desengano, desesperança, acídia — seja qual for o termo atribuído, essas interpretações sublinham o gesto de desistência do sujeito “lasso”, sem contudo interrogar o caráter da “coisa oferta”. E, todavia, o próprio poema nos convida a fazê-lo, na medida em que sugere, no miúdo de seus detalhes verbais e, por assim dizer, cenográficos, uma discórdia íntima entre o caminho, o curso, enfim, a *história* do sujeito, de um lado, e o *esquema* sintético e sinóptico que, ao explicar tudo, ameaça também anular a própria dimensão em que vive o sujeito, destinatário da oferta. Se for assim, talvez haja mais altivez que desengano na recusa à máquina, à chave tirada das mitologias herdadas da Antiguidade e do cristianismo, uma e outra incapazes de resolver os problemas e anseios do andarilho.¹²

o reino deste mundo

Esse elemento de altivez não tem a ver, em “A máquina do mundo”, com soberba ou orgulho, e configura-se antes, no poema, como resposta à visão que, prometendo um “reino augusto”, é também “gratuita”, termo que compreende sentidos que vão da graça divina ao arbitrário e irrelevante.¹³ Ao baixar os olhos, o andarilho de Drummond não está apenas ou sobretudo se humilhando diante da máquina — está, ao mesmo tempo, voltando-se para o espaço e a história que são os seus: o caminhar infinito pela estrada pedregosa de Minas; o sino rouco; a treva estrita; o som pausado e seco dos sapatos; a infinita avaliação do que se perdeu, conduzida — *Claro enigma* é a prova — pelos meios da poesia.

São esses os objetos privilegiados de sua poesia. Certamente, Drummond não sai a campo para afirmá-los e aceitá-los de maneira positiva ou até eufórica, a uma certa maneira modernista — afinal de contas, “toda história é remorso” (“Estampas de Vila Rica”); mas tampouco faz de seus poemas o veículo puro e simples de uma cosmovisão pessimista e entrópica, à maneira de Schopenhauer e Leopardi. Assim, cabe nuançar a ideia de *Claro enigma* como obra “filosófica”. Se não está às voltas com os “acontecimentos” do dia, como quer a epígrafe, o fato é que o livro é profundamente marcado por um *sentimento da história*, por uma noção expandida de história em que se cruzam o familiar e o

público, o amoroso e o político — sempre de maneira cifrada.

Essa opção íntima (e trabalhosa) pelo espaço terreno como lugar em onde, bem ou mal, se dão a vida e a poesia começa em surdina, isto é, não com uma carta a Stalingrado ou a Charles Chaplin, mas com a pergunta, formulada no primeiro poema da segunda parte do livro: “Que pode uma criatura senão,/ entre criaturas, amar?” (“Amar”). O poema seguinte, o soneto “Entre o ser e as coisas”, desdobra o mote: é “n’água e na pedra” que o amor grava seus “hieróglifos e mensagens”, e é por isso que “a tudo me arremesso”, diz o eu lírico, num tom de erotismo rasgado que corrige a imagem onipresente das “mãos pensa”.

O ato — a ata — mais cabal dessa história de fundação de um âmbito terreno em *Claro enigma* é o formidável poema “Fraga e sombra”. Com brevidade elíptica, perfeitamente clássica, o soneto concentra as imagens centrais do livro: a “tarde”, a “luz crepuscular”, o “sino”, o “sonho”, a dissolução sempre iminente, no feitiço “fino” de um “alfanje” que “ceifa devagar”, o vazio de um “mar ausente” e de uma “abstrata serra”. Mas então, quando tudo parece se desfazer no escuro da noite, começa a despontar o par amoroso que protagoniza o poema. Inicialmente, na forma de um numeral com função pronominal em terceira pessoa, “os dois”, que só no verso seguinte recebe a conjugação na primeira pessoa, “sentimos”, dobrada no terceto final com “calcamos”. Estão sóis diante da vertigem de um “espetáculo do mundo” que se anula, mas, apesar disso ou por isso mesmo, são capazes do gesto fundamental de adesão ao “profundo/ instinto de existir” e reprimem a tentação “mais pura” de “anular a criatura” (retomando o termo-chave de “Amar”, citado mais acima).

“Fraga e sombra” é, sintomaticamente, o penúltimo soneto do livro, que se abre a partir daí para muitos poemas de respiração mais longa e solta, de temática amorosa (“Tarde de maio” e “Campo de flores”, por exemplo), familiar (como “A mesa”) ou histórico-familiar, como na extraordinária seção iv, “Selo de Minas”. Vale lembrar que não se trata, aqui, de um espaço resgatado e posto a salvo da dissolução ambiente e iminente — bem o sabem as casas de Ouro Preto, que a “chuva monorrítmica” vai crivando e destruindo (“Morte das casas de Ouro Preto”). Mais ainda: esse âmbito da criatura, do histórico e do terreno pode bem abrir abismos interiores tão ou mais terríveis que os abismos noturnos da tradição metafísica. É o que se vê em “Os bens e o sangue”, um dos poemas fundamentais de *Claro enigma*, no qual Drummond transpõe para novo veio a mistura de estilos modernista, citando e fundindo prosa cartorial, poesia pau-brasil, a arte coloquial de Bandeira, o registro muitas vezes coral de Mário de Andrade. O resultado é uma fantasmagoria histórica, terrível e perversa, que reduz sua própria rebeldia futura a designio desde sempre urdido (“Ó desejado”) pelos antepassados mineiros: “Pois carecia que um de nós nos recusasse/ para melhor servir-nos”. Seja como for, o fato é que, preso a essa história que é quase

um pesadelo, Drummond nem por isso deixa de cantá-la e, à sua maneira, celebrá-la, numa persistente “lavra da paciência”, da memória e de seu modo singular de estar neste mundo.

É nesse sentido, sem nada de ingênuo ou gratuito, que Drummond vai aos poucos se delineando para o leitor como um *poeta do mundo terreno*,¹⁴ daquela esfera imanente da vida em que, afinal, se produz e se destrói, se faz e se extingue tudo que interessa à criatura. Estranho à mística e desconfiado da transcendência, Drummond valeu-se de todo tipo de meio para sua “mineração” poética, e o “classicismo” de 1951 é mais um dos ângulos que ensaiou ao longo da carreira. Nele certamente entrava um elemento de desconfiança diante das esperanças coletivas e dos rumos do mundo social que se deixavam ler em *A rosa do povo*. Mas seria um equívoco supor que o Drummond de *Claro enigma* dá as costas à história e à vida terrena: uma e outra estão profundamente entranhadas nos poemas do livro, à espera de leitores que se disponham, por sua vez, a lavrá-los com paciência.

¹ A rigor, o antecessor imediato de *Claro enigma* são os *Novos poemas*, cuja primeira edição não se deu, porém, como livro autônomo, e sim como parte final da coletânea *Poesia até agora* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1948).

² O termo é tirado de Antonio Candido, “Inquietudes na poesia de Drummond”, em *Vários escritos* (4a ed., Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004).

³ Antonio Candido, op. cit., p. 97.

⁴ Cf. Davi Arrigucci Jr., *Coração partido: uma análise da poesia reflexiva de Drummond* (São Paulo: Cosac Naify, 2002), p. 15.

⁵ Antonio Candido, op. cit., pp. 95-6.

⁶ A expressão é de José Guilherme Merquior em *Verso universo em Drummond* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1975), p. 124.

⁷ Como termo de comparação, veja-se como Manuel Bandeira, em “Satélite” (de *Estrela da tarde*, 1963), toma uma via negativa semelhante, marcada pelos muitos prefixos negativos (*de-* e *des-*), para afinal chegar à lua “desmetaforizada” e portanto “nua”, pronta para o encontro amoroso.

⁸ É justamente esse sentido estrito de “maduro” que está em jogo nos versos iniciais de “Campo de flores”: “Deus me deu um amor no tempo de madureza,/ quando os frutos ou não são colhidos ou sabem a verme”. Sobre o poema, leia-se a bela análise de João Luiz Lafetá, “Leitura de ‘Campo de flores’”, em *A dimensão da noite* (São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2004).

9 Sobre essa “repetição narcótica do som”, essa “vitória do som sobre o sentido” na poesia de raiz mágica e encantatória, ver o ensaio clássico de Northrop Frye, “Charms and riddles”, em *Spiritus mundi* (Bloomington: Indiana University Press, 1976), pp. 124-6.

10 Para um comentário valioso das articulações narrativas, sintáticas e imagéticas do poema, é indispensável a leitura de Alfredo Bosi, “A máquina do mundo entre o símbolo e a alegoria”, em *Céu, Inferno: ensaios de crítica literária e ideológica* (São Paulo: Ática, 1988).

11 Leiam-se a esse respeito as muitas observações de José Guilherme Merquior em “‘A máquina do mundo’ de Drummond”, em *A razão do poema* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965), e de Betina Bischof em *Razão da recusa: um estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade* (São Paulo: Nankin, 2005).

12 Uma exposição excelente dessa trama de detalhes encontra-se em Alcides Villaça, “O poeta, a máquina e o mundo”, em *Passos de Drummond* (São Paulo: Cosac Naify, 2006), que igualmente desloca o acento interpretativo do desengano para a altivez (especialmente nas páginas 99 e 100). Em linha semelhante, José Miguel Wisnik compara a máquina de Drummond ao *aleph* de Borges — cf. “Drummond e o mundo”, em Aduato Novaes (org.), *Poetas que pensaram o mundo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2005), especialmente a página 59. Quanto ao contexto e à possível conotação ideológica da recusa drummondiana, leia-se Vagner Camilo, *Drummond: da rosa do povo à rosa das trevas* (São Paulo: Ateliê, 2001).

13 Leia-se novamente Alcides Villaça, op. cit., pp. 99-100.

14 O termo e o conceito vêm de Erich Auerbach, que os cunhou a propósito de Dante em seu livro *Dante als Dichter der irdischen Welt* (Berlim: Walter de Gruyter, 1929); o essencial do argumento está recolhido no ensaio “Farinata e Cavalcante”, em *Mimesis* (São Paulo: Perspectiva, 1970).

Leituras recomendadas

arrigucci jr., Davi.

Coração partido.

São Paulo: Cosac Naify, 2002.

bischof, Betina.

Razão da recusa: um estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade.

São Paulo: Nankin, 2005.

bosi, Alfredo.

“A máquina do mundo entre o símbolo e a alegoria”.

In: *Céu, Inferno: ensaios de crítica literária e ideológica.*

São Paulo: Ática, 1988.

camilo, Vagner.

Drummond: da rosa do povo à rosa das trevas.

São Paulo: Ateliê, 2001.

candido, Antonio.

“Inquietudes na poesia de Drummond”.

In: *Vários escritos.* 4a ed.

Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

garcia, Othon Moacyr.

Esfinge clara.

Rio de Janeiro: Livraria São José, 1955.

merquior, José Guilherme.

Verso universo em Drummond.

Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

telles, Gilberto Mendonça.

Drummond, a estilística da repetição.

Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

villaça, Alcides.

Passos de Drummond.

São Paulo: Cosac Naify, 2006.

wisnik, José Miguel.

“Drummond e o mundo”.

In: novaes, Adauto (org.),

Poetas que pensaram o mundo.

São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Cronologia

- 1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (mg), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.
- 1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.
- 1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.
- 1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.
- 1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maio...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa “Onda”.
- 1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: “insubordinação mental”.
- 1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.
- 1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, *habitués* da Livraria Alves e do Café Estrela.
- 1922 Seu conto “Joaquim do Telhado” vence o concurso da *Novela Mineira*.
- Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.
- 1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.
- 1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral,

- que regressam de excursão às cidades históricas de Minas Gerais.
- 1925 Casa-se com Dolores Dutra de Moraes. Participa — juntamente com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo — do lançamento de *A Revista*.
- 1926 Sem interesse pela profissão de farmacêutico, cujo curso concluíra no ano anterior, e não se adaptando à vida rural, passa a lecionar geografia e português em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa o posto de redator e depois redator-chefe do *Diário de Minas*. Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema “Cantiga de viúvo” (que iria integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).
- 1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.
- 1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.
- 1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.
- 1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Frieiro. Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.
- 1931 Morre seu pai.
- 1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.
- 1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário da Tarde*, simultaneamente. Publica *Brejo das almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.
- 1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.
- 1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.
- 1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.
- 1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção

- “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.
- 1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.
- 1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.
- 1944 Publica *Confissões de Minas*.
- 1945 Publica *A rosa do povo e O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (dphan), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.
- 1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d'Oliveira.
- 1947 É publicada a sua tradução de *Les liaisons dangereuses*, de Laclos.
- 1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itabira. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o “Poema de Itabira”, de Villa-Lobos, a partir do seu poema “Viagem na família”.
- 1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.
- 1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.
- 1951 Publica *Claro enigma, Contos de aprendiz e A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.
- 1952 Publica *Passeios na ilha e Viola de bolso*.

- 1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da dphan. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.
- 1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les paysans*, de Balzac. A série de palestras “Quase memórias”, em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas “Imagens”, no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.
- 1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoad*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.
- 1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La fugitive*, de Marcel Proust.
- 1957 Publica *Fala, amendoeira e Ciclo*.
- 1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.
- 1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Dona Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.
- 1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtilz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.
- 1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.
- 1962 Publica *Lição de coisas, Antologia poética e A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L'oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da dphan, após 35 anos de serviço público.
- 1963 Aparece a sua tradução de *Sult (Fome)*, de Knut Hamsun.

- Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do pen Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.
- 1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de “Sabadoyle”.
- 1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the middle of the road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.
- 1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).
- 1967 Publica *Versiprosa, José & outros, Uma pedra no meio do caminho, Minas Gerais (Brasil, terra e alma), Mundo, vasto mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).
- 1968 Publica *Boitempo & A falta que ama*.
- 1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).
- 1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.
- 1971 Publica *Seleta em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.
- 1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.
- 1973 Publica *As impurezas do branco, Menino antigo, La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).
- 1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.
- 1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.
- 1977 Publica *A visita, Discurso de primavera e Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada *Sentimento do mundo*. Grava 42 poemas em dois lps lançados pela Poly Gram.

- 1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*. Publica *O marginal Clorindo Gato e 70 historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-Amargo* e *El poder ultrajoven* saem na Argentina.
- 1979 Publica *Poesia e prosa*, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro *Esquecer para lembrar*.
- 1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de poesia. Publicação de *A paixão medida*, *En Rost at Folket* (Suécia), *The minus sign* (Estados Unidos), *Poemas* (Holanda) e *Fleur, téléphone et jeune fille ...* (França).
- 1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The minus sign*.
- 1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.
- 1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.
- 1984 Publica *Boca de luar e Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.
- 1985 Publica *Amar se aprende amando*, *O observador no escritório*, *História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).
- 1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the family*.
- 1987 É homenageado com o samba-enredo “O reino das palavras”,

pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.

Índice de primeiros versos

À beira do negro poço

A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes

A madureza, essa terrível prenda

A sombra azul da tarde nos confrange

Agora me lembra um, antes me lembrava outro

Amar o perdido

Às duas horas da tarde deste nove de agosto de 1847

Bem quisera escrevê-la

Bom dia: eu dizia à moça

Cada dia que passa incorporo mais esta verdade, de que eles não vivem

[senão em nós

Chegas, e um mundo vai-se

Como esses primitivos que carregam por toda parte o maxilar inferior

[de seus mortos

Deus me deu um amor no tempo de madureza

E como eu palmilhasse vagamente

E não gostavas de festa...

Era tão claro o dia, mas a treva

Escurece, e não me seduz

Eu quero compor um soneto duro

Já não queria a maternal adoração

Meu pai perdi no tempo e ganho em sonho

Na rua escura o velho poeta

Não amei o bastante meu semelhante

Não calques o jardim

Noite. Certo

Num bar fechado há muitos, muitos anos, e cujas portas de aço

bruscamente se descerram, encontro, que eu nunca vira

o poeta Mário Quintana

Numa incerta hora fria

O coração pulverizado range

O filho que não fiz

O mundo não vale o mundo

Onda e amor, onde amor, ando indagando

Onde nasci, morri
Os cinco anos de tua morte
Pintor da soledade nos vestibulos
Que lembrança darei ao país que me deu
Que metro serve
Que pode uma criatura senão
Salve, reino animal
Se uma águia fende os ares e arrebat
Sobre o tempo, sobre a taipa
Sonhei que estava sonhando
Tão delicados (mais que um arbusto) e correm
Tua memória, pasto de poesia

Copyright © 2012 by Carlos Drummond de Andrade
© Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

capa e projeto gráfico
warrakloureiro
sobre obra sem título de Mira Schendel, 1950, têmpera sobre tela,
26,8 x 19 cm. Coleção particular. Reprodução: Jorge Bastos/ Motivo
pesquisa iconográfica
Regina Souza Vieira

estabelecimento de texto
Júlio Castañon Guimarães (Casa de Rui Barbosa)

revisão final
Antonio Carlos Secchin

preparação
Márcia Copola

revisão
Huendel Viana
Marina Nogueira

ISBN 978-85-8086-183-9

Todos os direitos desta edição reservados à
editora schwarcz s.a.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – sp
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Table of Contents

[Rosto](#)

[Sumário](#)

[CLARO ENIGMA](#)

[I. ENTRE LOBO E CÃO](#)

[Dissolução](#)

[Remissão](#)

[A ingaia ciência](#)

[Legado](#)

[Confissão](#)

[Perguntas em forma de cavalo-marinho](#)

[Os animais do presépio](#)

[Sonetinho do falso Fernando Pessoa](#)

[Um boi vê os homens](#)

[Memória](#)

[A tela contemplada](#)

[Ser](#)

[Contemplação no banco](#)

[Sonho de um sonho](#)

[Cantiga de enganar](#)

[Oficina irritada](#)

[Opaco](#)

[Aspiração](#)

[II. NOTÍCIAS AMOROSAS](#)

[Amar](#)

[Entre o ser e as coisas](#)

[Tarde de maio](#)

[Fraga e sombra](#)

[Canção para álbum de moça](#)

[Rapto](#)

[Campo de flores](#)

[III. O MENINO E OS HOMENS](#)

[A um varão, que acaba de nascer](#)

[O chamado](#)

[Quintana's bar](#)

[Aniversário](#)

[IV. SELO DE MINAS](#)

[Evocação mariana](#)

[Estampas de vila rica](#)

[Morte das casas de ouro preto](#)

[Canto negro](#)
[Os bens e o sangue](#)

[V. OS LÁBIOS CERRADOS](#)

[Convívio](#)
[Permanência](#)
[Perguntas](#)
[Carta](#)
[Encontro](#)
[A mesa](#)

[VI. A MÁQUINA DO MUNDO](#)

[A máquina do mundo](#)
[Relógio do rosário](#)

[Posfácio](#)
[Cronologia](#)
[Índice de primeiros versos](#)
[Créditos](#)